

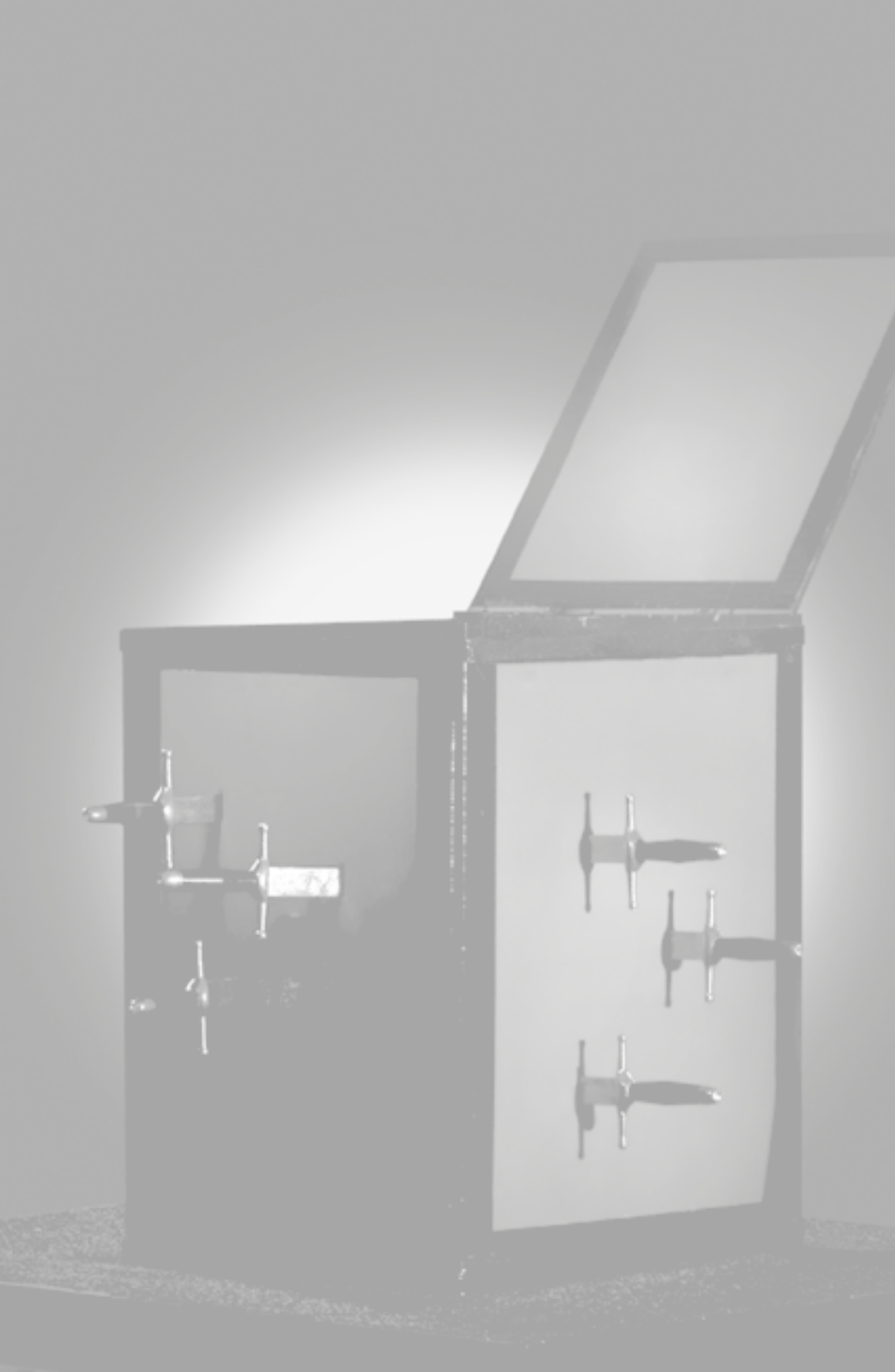
BESTSELLER INTERNACIONAL

**30 MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS**

CAMILLA
LÄCKBERG
HENRIK **FEXEUS**
A CAIXA



SUMA
de livros



FEVEREIRO

Ansiosa, Tuva tamborila os dedos no balcão. Ainda está no trabalho, num café no bairro de Hornstull, mas já devia ter saído. Um cliente que acaba de se sentar a um canto olha para ela com ar irritado, e ela responde-lhe com um olhar assassino. Memoriza a aparência dele e pensa que aquele cliente não vai ter direito a um coração desenhado na espuma do seu próximo *cappuccino*. O mais provável é receber o desenho do dedo do meio.

Tuva fica de mau humor quando não consegue despachar-se a horas, e agora é que está mesmo atrasada. Prende o cabelo loiro atrás da orelha num ato reflexo. Já devia ter ido buscar Linus ao infantário há meia hora e, apesar de por esta altura estar imune ao franzir de sobrolho dos funcionários — que já teve de enfrentar demasiadas vezes, pelo que já não têm o poder de a afetar —, sabe que o seu filho de dois anos vai ficar triste. E Tuva não é pessoa de deixar as crianças tristes, principalmente Linus. Não sabe quantas vezes lhe disse que morreria por ele, mas, na realidade, nem sempre é fácil. Apesar de os deuses saberem que faz sempre o melhor que pode. Que faz sempre tudo e mais alguma coisa.

Tuva despe o avental, abre a porta do armário dos arrumos e atira-o para cima da pilha de roupa suja. Não pode ir-se embora sem vir o substituto, mas onde raios está ele?

Martin, o pai de Linus, encontrava-se fora em trabalho no dia em que o filho nasceu. Tuva nunca o culpou por isso; foi levada de ambulância para as urgências duas semanas antes da data prevista para o parto. Mas não deixou de achar estranho que Martin não a tivesse ido visitar à maternidade durante os dias em que lá ficara internada. O parto decorrera com algumas complicações e Tuva estivera demasiado combalida para se recordar de tudo, tinha apenas vagas lembranças de médicos que, uma e outra vez, apareciam para lhe fazer análises e ao bebé, mas que a asseguravam

de que tudo estava bem. Tal como Martin fizera, nas breves mensagens escritas que lhe enviara durante a estada no hospital. Iria aparecer, escrevera ele, só precisava de tratar de umas coisas primeiro.

Não obstante, se os dias passados na maternidade eram memórias confusas, recordava-se nitidamente do apartamento vazio que acabaria por acolher, a ela e a Linus, no dia em que tiveram alta do hospital. Enquanto Tuva dera à luz e lutara pelo filho dos dois, Martin retirara todos os seus pertences do apartamento e fora-se embora. Aparentemente, eram essas as coisas de que precisara de «tratar». Tuva nunca mais o vira nem ouvira uma palavra daquela besta covarde desde então. Talvez fosse melhor assim. Se ele voltasse a aparecer na sua vida, é provável que o matasse.

Em vez disso, tinha sido ela e Linus contra o mundo. A não ser quando era o mundo, como acontecia com uma frequência cada vez maior, que se punha de permeio entre os dois. Tal como no momento presente. O seu colega Daniel, que ia fazer o turno da tarde, devia ter chegado há uma hora, mas ainda não tinha aparecido. Tuva teve de lhe telefonar, para o acordar, à uma e meia da tarde. Ela era assim tão irresponsável quando tinha vinte e um anos? Provavelmente. Não era de admirar que as coisas não tivessem funcionado entre eles.

Tuva olha de novo para o relógio de pulso.

Gran... de... mer... da.

Então veste o casaco de penas e o gorro, e depois prepara dois expressos duplos, o primeiro servido numa chávena de porcelana e o outro num copo descartável.

Provavelmente, foi Matti quem, mais uma vez, teve de ficar no infantário à espera dela. Matti, o educador a quem o seu filho começou a chamar pai. Sempre que esta situação se repete, Matti olha para ela com aquela expressão, a tal que significa que ela devia passar mais tempo com o filho em vez de ficar a trabalhar. *Obrigadinha pelo peso na consciência*, como se não fosse suficiente ter de suportar as lágrimas nos olhos de Linus por não saber quando é que a mamã irá buscá-lo.

O expresso fica pronto precisamente a tempo de Daniel entrar descontraidamente pela porta, com o cabelo espetado no ar. O frio agreste de fevereiro espalha-se pela sala atrás dele e alguns dos clientes não conseguem conter um estremeção. Daniel nem parece reparar.

Ou, então, simplesmente não quer saber. Como é possível tê-lo, em tempos, achado atraente?

— Toma — diz-lhe com toda a frieza que consegue impregnar nas quatro letras e estende-lhe a chávena de café. — Deves estar a precisar disto. Eu cá vou-me embora.

Não espera pela resposta dele, pega no seu copo de papel e apressa-se a enfrentar a neve no exterior, que ainda não fez qualquer tentativa de começar a derreter. Vai tão distraída que não evita colidir com um casal idoso de aspeto frágil.

— Peço desculpa, estou muito atrasada, tenho de ir buscar o meu filho ao infantário — diz Tuva entre dentes, à pressa, sem olhar para eles.

— Não faz mal. Mas, sabe, as crianças podem surpreender-nos, conseguem ser excecionalmente criativas quando estão entregues a si mesmas.

O tom de voz é amigável, nada reprovador.

Tuva não responde, mas sente-se aliviada por não se ter gerado uma discussão à conta dos seus modos desajeitados. Por vezes, as pessoas são incrivelmente irascíveis, já em várias ocasiões aconteceu os clientes exigirem-lhe não só o pagamento da limpeza a seco, mas também uma compensação financeira avultada por um pouco de café derramado. Sorri apologeticamente ao casal. O café que tem na mão salpica-a e relembra-lhe que não tem realmente tempo a perder. Depois de pedir desculpa uma última vez, avança a passos largos em direção ao metropolitano, engolindo o café de um trago. O líquido a escaldar queima-lhe primeiro a língua e depois o esófago. Tem um gosto químico, quase como se fosse um medicamento. Ocorre-lhe que tem de fazer uma limpeza a fundo à máquina. Em contraste com o frio que está na rua, a bebida pareceu-lhe ainda mais quente.

Decide que, depois de ir buscar Linus, vai levá-lo de volta para o café. Daniel pode oferecer-lhe os bolos todos que ele quiser. É mais do que justo, e que se lixe o esparguete com almôndegas para o jantar. Ela amanhã irá para fora, mas hoje pode dedicar-se ao filho.

Ao chegar às escadas que levam à estação de metropolitano, as suas pernas, inesperadamente, cedem. Tuva solta um grito e consegue agarrar-se ao corrimão no último segundo, antes de cair no chão. Deve ter

tropeçado em algo. Não precisa de ter assim tanta pressa, não vale a pena chegar ao infantário cheia de nódoas negras.

Tenta levantar-se, mas sente-se como se os ossos das pernas tivessem desaparecido, os pés dobram-se sob o seu peso. É tomada por uma tontura, náuseas, quase como se fosse desmaiar. A mesma sensação de quando lhe deram toda aquela medicação no hospital, no trabalho de parto.

Linus. Estou a chegar.

Tenta erguer-se novamente apoiada ao corrimão, mas os braços parecem ter vários quilómetros de comprimento, o corrimão paira muito acima da sua cabeça e já nem faz ideia de como funciona essa coisa de se agarrar. Manchas escuras dançam-lhe no campo de visão e, de repente, o mundo gira à sua volta e uma vozinha dentro dela diz-lhe que está a rebolar escadas abaixo. Não sente nada.

A primeira coisa em que Tuva repara quando acorda é que lhe doem as articulações. Não está deitada numa posição confortável. Lambe os lábios e pigarreja para limpar a garganta. Tem a boca completamente seca e ainda sente restos de um sabor acre que não reconhece. Demora alguns segundos a recuperar totalmente a consciência e apercebe-se de que nem sequer está deitada. Está de joelhos, ligeiramente inclinada para a frente. Ao mexer-se, sente o corpo pressionado por todos os lados contra uma parede, inclusive em cima, contra o pescoço.

É como se estivesse apertada dentro de uma caixa. As dores são demasiado intensas para se tratar de um sonho, mas também não pode ser real, não pode ser verdade. E, ainda assim... O cheiro a madeira é demasiado autêntico, a luz penetra por pequenas fendas estreitas, formando retângulos luminosos nos seus braços e pernas nuas. Pernas nuas?... Onde está a sua roupa? Não é só o casaco que lhe falta, também a camisola e as calças de ganga. Alguém a despiu. Está de camisola de alças e cuecas. Isto não pode ser real.

Lambe novamente os lábios, o sabor químico ainda perdura. Deve ter sido do café. Alguém lhe colocou algo no café sem ela ter reparado. Estava tão acelerada que nem reparou, bebera tudo de um trago.

Sente um formigueiro espalhar-se-lhe pelo corpo quando a adrenalina começa a fluir-lhe nas veias. Tem de sair dali. Grita e pressiona os lados

da caixa com toda a força que consegue. A madeira cede ligeiramente, mas não o suficiente para que a caixa se abra, nem sequer para rachar um pedaço. Uma vez que está sentada sobre as pernas dobradas, não consegue pontapear, tem de se contentar com bater com as mãos contra as paredes, que estão demasiado próximas para que o consiga fazer com muita força. De repente, surge uma sombra, alguém está do lado de fora da caixa.

— Tirem-me daqui! — grita Tuva. — O que é que pensam que estão a fazer?!

Ninguém responde, mas Tuva sente uma presença, ouve o som da respiração. Volta a gritar, mas o silêncio continua igualmente compacto, igualmente ameaçador. A sensação de formigueiro e de ardor na pele intensifica-se. Bate contra as paredes de madeira com uma energia renovada; porém, é impossível encontrar a força de que precisa naquele espaço exíguo.

— O que é que querem? — grita, piscando os olhos para afastar as lágrimas. — Deixem-me sair daqui, por favor. Vamos falar. Tenho de ir buscar o Linus!

Tuva olha para o pulso; o vidro do relógio está partido e os ponteiros pararam nas três horas exatas. Por esta altura, Matti já lhe deve ter ligado, talvez tenha começado a perguntar-se onde ela estará, talvez já andem à sua procura e irão encontrá-la dentro da caixa a qualquer momento, talvez... talvez ela costume por norma chegar atrasada ao jardim de infância, muito mais atrasada do que já está neste momento.

Ninguém anda à sua procura.

Porque ainda ninguém deu pela sua falta.

Ninguém sabe que foi sequestrada.

Sequestrada. O significado da palavra invade-a e sente dificuldade em respirar. Um som metálico perto da caixa fá-la estremecer.

— Está aí alguém? — chama.

Através de uma das fendas em baixo, do seu lado esquerdo, algo prateado e afiado penetra a caixa, algo parecido com a ponta de uma espada. A lâmina metálica continua a entrar lentamente na caixa. Tuva tenta desviar a coxa, mas está demasiado apertada, não tem espaço para se mover. A ponta da espada toca-lhe na perna e é pressionada fortemente contra a pele. Apesar de não ser tão afiada quanto parecia, não deixa de sentir dor.

— Au! O que é que estás a fazer? — grita. — Pára!

A lâmina da espada continua a pressionar-lhe a coxa até perfurar a pele e fazer aparecer uma gota de sangue. O movimento é um teste, como se quem estivesse do lado de fora se dedicasse a fazer uma experiência. Tuva solta um novo grito, mas mal ouve a sua voz. De seguida, a pressão diminui subitamente e a lâmina recua alguns centímetros.

Ouve o som de um motor ser ligado. A lâmina da espada começa a vibrar antes de se mover novamente em frente e, desta vez, não pára quando lhe atinge a perna. Tuva solta um grito gutural quando o músculo da coxa é penetrado. A espada continua a penetrar os tecidos, enquanto os seus gritos afogam o som do motor. É uma dor lancinante, surgem-lhe explosões de cor à frente dos olhos quando as suas terminações nervosas são rasgadas e parecem irromper em chamas. Tudo o resto desaparece, exceto essa dor horrível. A espada atinge-lhe o fémur e as vibrações da lâmina propagam-se pelo esqueleto, fazendo com que todo o seu corpo vibre. Tuva vomita num ato reflexo, sobre si própria e a espada ensanguentada. A lâmina acaba por trespassar o fémur no interior da sua perna e continua através do músculo, até sair pelo outro lado. A ponta da espada é uma visão quase obscena quando aparece projetada através da pele. O sangue começa imediatamente a jorrar do novo orifício, segue o contorno da perna e acumula-se numa poça por baixo do seu corpo. Mas a espada não pára. Move-se através da sua coxa, na direção da outra perna. Tuva continua sem conseguir mover-se.

— Parem, por favor, parem — implora por entre as lágrimas. — Tenho de ir buscar o Linus, estou atrasada, ele está sozinho.

Quando a espada começa a atravessar-lhe a outra perna, Tuva tenta preparar-se para a dor. Mas é impossível estar preparado, berra violentamente e a única coisa que deseja é perder a consciência, enlouquecer, qualquer coisa para não ter de sentir mais. Passam alguns segundos, uma eternidade. Já não consegue ver. A lâmina acaba por atravessar ambas as pernas e sai por uma fenda do lado oposto da caixa. A espada deixa finalmente de vibrar. Porém, o som do motor continua.

Apercebe-se de algo a picá-la nas costas, por baixo do ombro, e a racionalidade a que ainda se conseguia agarrar extingue-se. Sente-o fisicamente, como se uma parte do seu cérebro entrasse em colapso. É claro

que atrás dela também há fendas na madeira. Tenta inclinar-se para a frente, querendo fugir da espada que lhe toca no ombro, mas o movimento faz com que a dor nas coxas seja ainda mais forte. E Tuva já não está ali. Está na maternidade a lutar pelo seu filho, está no café onde teve a sorte de conseguir um emprego, está aos beijos com Daniel, está com Martin e ele diz-lhe que a ama. Ouve o som de cartilagem e tecidos a rasgarem-se nas suas costas e lembra-se de que Linus costuma chamar pai a Matti.

Depois olha para baixo e vê a pele sob a clavícula esticar-se, antes de reventar, e a espada sair-lhe pela parte da frente do tronco. Como num truque de magia. Ela é a assistente do mágico e, em breve, receberá uma salva de palmas. Já viu isso na televisão. O sangue no peito tingiu-lhe a camisola de alças de vermelho-escuro, enquanto a espada continua em frente, até uma das fendas na parede. O cheiro a ferro é avassalador.

Os olhos azuis de Linus estão diante de si.

Também me vais deixar, mamã?

Um som gorgolejante sai-lhe da garganta quando tenta falar.

— Por favor. Estou atrasada.

Alguma coisa é movida do lado de fora da caixa e uma das fendas à frente do seu rosto fica escura. Uma terceira espada. A distância até à cabeça de Tuva é de apenas alguns centímetros e as duas espadas que já a perfuraram impedem-na de se mexer.

— Não aguento mais — sussurra.

A espada move-se lentamente, mas a distância é demasiado curta. Repara que a ponta da espada é brilhante, até estar demasiado próxima dos seus olhos para que consiga focar-se nela.

Linus, perdoa-me. A mamã ama-te muito.

Estremece quando a ponta lhe toca no canto do olho direito, no pequeno espaço entre o olho e a cana do nariz, antes de continuar a entrar na caixa e a perfurar. Algo húmido escorre pelo seu rosto e Tuva fica cega do lado direito. Mas não sente dor. Pelo menos, já não sente dor.

O que será aquele cheiro a queimado? É o último pensamento de Tuva. Logo a seguir, a espada atravessa-lhe o cérebro.

MARÇO

Vincent bateu com a palma da mão na mesa à sua frente com toda a força e o público na sala do teatro inspirou ruidosamente em unísono. Vincent franziu a testa, fez uma pausa dramática e, de seguida, encarou o público, levantando ao mesmo tempo a mão da mesa. Por baixo dela, um saco de papel branco amachucado. Risos nervosos espalharam-se pela sala quando ele varreu o papel para o chão.

— Também não estava no saco número cinco — anunciou.

O palco estava praticamente às escuras, à exceção de um holofote solitário, que apontava para ele, para a mesa e para a mulher de pé ao seu lado. A luz nua enfatizava a gravidade da cena final da atuação. O silêncio era total, o último número do espetáculo nem sequer tinha música; tornava-se ainda mais desconfortável assim. O truque começava com cinco sacos de papel numerados e virados ao contrário. Vincent já tinha esmagado dois deles com a mão.

— Faltam *três* — disse, virando-se para a mulher. — Magdalena, não olhes para os *três* sacos, senão eu sigo o movimento dos teus olhos. Mas pensa: debaixo de que saco está aquele prego enorme? Só tu é que sabes onde está, o público não viu onde o escondeste, e eu também não. *Três*. Lembra-te de quão afiado era o prego quando lhe tocaste. Pensa só, não olhes.

A mulher transpirava profusamente. O holofote emitia bastante calor, mas ela também estava tão nervosa quanto o resto da plateia. Ou mais nervosa, até. Vincent estudou-a cuidadosamente.

— Não reagiste quando eu disse «três», apesar de o ter dito três vezes — acabou por dizer. — Por isso, também não deve estar aqui.

Bateu fortemente com a mão no saco número três, antes de a assistência ter tempo de reagir às palavras. Algumas pessoas na sala gritaram de susto com o barulho repentino.

Só faltavam dois sacos. A probabilidade de se magoar seriamente era de cinquenta por cento. Ele próprio não percebia por que motivo continuava a fazer aquele número; quem o fazia acabava por se ferir, mais cedo ou mais tarde. Era uma inevitabilidade estatística, se o fizesse vezes suficientes. Não obstante, não podia deixar que o público percebesse que estava deveras nervoso. Uma parte importante do truque era fazer transparecer que tinha o controlo da situação, quando isso não era verdade.

— Faltam o saco número dois e o número quatro — disse à mulher.
— Visualiza o prego à tua frente, vinte centímetros de metal afiado.

A mulher fechou os olhos e assentiu com a cabeça, com ar infeliz.

— Lembra-te de como ele brilhava quando o colocaste de pé. Por baixo de um destes sacos. Daquele que *não* queremos que eu esmague.

— Mas não tenho a certeza, já não me lembro bem — lamentou-se ela.

Vincent ergueu uma sobancelha. A atmosfera na sala de espetáculos estava tão densa que era quase palpável. Dois sacos. Levantou a mão por cima de um deles. Depois moveu-a para cima do outro. Um dos sacos encerraria a atuação com aplausos de pé. O outro garantia uma parte do corpo perfurada e uma viagem de ambulância para as urgências do hospital.

— Abre os olhos, Magdalena — pediu.

A mulher abriu os olhos relutantemente e virou-os, semicerrados, na direção dos sacos. Vincent olhou para ela, depois ergueu a mão para esmagar um dos sacos, mas reparou que ela arregalou os olhos em pânico quando a sua mão fazia um movimento descendente. Desviou rapidamente o braço e, em vez disso, acertou violentamente no outro. A mulher soltou um grito quando a mão dele atingiu a mesa, ilesa. Vincent aguardou alguns segundos de cabeça baixa. Depois, triunfante, varreu o saco vazio e amachucado para o chão e levantou aquele que continuava em cima da mesa. O prego no interior do último saco estava apontado para cima como uma lança e brilhava mortalmente sob a luz fria. O público urrou e levantou-se, ao mesmo tempo que a música começava a tocar.

Vincent assinou o prego com um marcador, colocou-o no saco e entregou-o à mulher, antes de ela ser ajudada a descer do palco, visivelmente aliviada. Vincent ficou de pé na ponta do palco e abriu os braços. Não precisava de fingir que também estava aliviado.

Os aplausos foram ensurdecedores, e o espetáculo no teatro de Gävle estava assim terminado. Vincent fez uma vénia dramática e varreu a sala com o olhar. As luzes em movimento durante os aplausos finais encandearam-no de tal maneira que não conseguiu ver o público, mas era como se o visse. O truque consistia em olhar em frente e fingir estabelecer contacto visual com alguém. Riu-se para a escuridão, onde sabia que quatrocentas e quinze pessoas aplaudiam de pé Vincent Walder, o Mestre Mentalista.

— Muito obrigado por terem vindo esta noite — agradeceu à assistência, por entre o furacão de aplausos.

O volume das palmas e dos assobios aumentou. A sala de espetáculos estava esgotada, fora uma boa noite, uma ótima noite, até. Ela não tinha estado lá, aquela que era um motivo de preocupação. As noites em que não aparecia eram um alívio maior do que estava disposto a admitir a si próprio.

Resistiu à tentação de proteger os olhos com a mão para ver a ovação do público em pé. Tinha trabalhado muito por aquilo, este era o seu momento de reconhecimento. Ao mesmo tempo, a única coisa que ainda o mantinha de pé era a pura adrenalina. Quatrocentos e quinze lugares, quarenta e um mais cinco são quarenta e seis, a sua idade. Pelo menos, durante mais algumas semanas.

Pára com isso.

Hoje fora por um triz, o maldito truque do prego. E era o último número daquele espetáculo de duas horas. O suor escorria-lhe ao longo das costas e o seu cérebro parecia estar a ferver.

Mais uma vez, o segredo não era conseguir prever o comportamento do público ou fazer parecer que conseguia ler-lhe os pensamentos. A ilusão era fazer com que parecesse fácil, enquanto o seu cérebro trabalhava a mil à hora. O cartaz à entrada da sala de espetáculos anunciava-o ostentosa-mente como «O Grande Mestre Mentalista», mas Vincent desejava não ter concordado com essa proposta de nome. Era demasiado... era pouco sofisticado. Vulgar. Por outro lado, era um bom nome atrás do qual podia esconder-se, dava a sensação de se tratar de uma personagem de ficção, não de alguém que, acima de tudo, queria deitar-se de costas no camarim e apenas respirar durante dez minutos. Agora, tendo o espetáculo chegado ao fim, era importante recuperar o controlo dos seus pensamentos, antes

que tivessem rédea solta em todas as direções. Esta noite demorara mais tempo do que o normal.

Controlo. Uma palavra de oito letras. O mesmo número de filas que sabia haver nos segundos balcões.

Pára.

Vincent levantou os olhos na direção do primeiro balcão, onde conseguira fazer quatro pessoas esquecerem-se dos seus nomes, no primeiro ato. Vinte e três lugares em cada fila dos balcões, cento e oitenta e quatro lugares.

Alguém no balcão assobiou.

Respira fundo, não conclusas o pensamento.

Cento e oitenta e quatro lugares. O dia dezoito do quatro também era a data do último espetáculo da turnê. E vinte e três lugares por fila, oito filas, dois mais três mais oito dava treze, o que correspondia ao número de espetáculos que ainda tinha para fazer até lá.

Párapárapára.

Mordeu a língua com força.

Vincent fez uma última vénia antes de deixar o palco. Parou atrás da cortina de veludo que dava para um espaço lateral e começou a contar em voz baixa para si mesmo.

Um. Se os aplausos ainda continuassem a ouvir-se quando chegasse aos dez, correria para o palco para uma última salva de palmas. Dois. Uma sombra destacou-se da escuridão no espaço lateral, era uma mulher na casa dos trinta anos. Três. Ficou completamente gelado; afinal, ela viera. Quatro. Porém, desta vez não esperara até ao final do espetáculo para correr para o palco. Cinco. Mas como teria conseguido entrar para os bastidores? Ninguém tinha autorização para estar ali enquanto ele estava em cena, a pessoa que a deixara entrar tinha muitas explicações a dar. Pedira explicitamente que ficassem de olho nela, mas para a deterem, não para a ajudarem. Seis. Pelo menos agora iria poder ver o seu aspeto físico. Cabelo escuro apanhado num rabo-de-cavalo, camisola de gola alta. Sete. Olhos que se arregalaram uma fração de milímetro quando tomou fôlego para começar a falar. Vincent não fazia ideia de quão perigosa ela era. Oito. Fez-lhe sinal para que se mantivesse em silêncio e apontou com o polegar para o palco, para que a mulher compreendesse que ainda

não tinha terminado. Talvez houvesse outra forma de sair do palco depois dos aplausos finais. Nove. *Tenta não pensar nela, respira fundo e faz um sorriso*. Dez. Vincent correu novamente para a luz do holofote.

— Obrigado, obrigado, vocês são muito amáveis! — gritou. — Percebo que preferiram ficar aqui dentro, mas, infelizmente, a realidade está à vossa espera. Está na hora de voltarem para ela. E se ficarem com insónias a pensar em alguma das coisas que aconteceram aqui esta noite, lembrem-se: é tudo a brincar.

Fez uma pausa.

— Provavelmente.

Ouviu-se o riso generalizado do público, alto e um pouco nervoso. Vincent não conseguiu evitar um sorriso, aquilo funcionava sempre. Apresou-se a sair do palco, apesar de ser a última coisa que queria fazer naquele momento, antes que o público tivesse tempo de começar a deixar as filas de cadeiras. Nunca dava boa impressão se o artista permanecesse em cena quando o público começava a sair. E se tivessem casacos de inverno para levantar no bengaleiro, como era o caso, começavam sempre a levantar-se mais cedo, numa tentativa ingénua de fugir à fila inevitável. A mulher continuava parada na sala lateral atrás do palco quando ele lá chegou.

— Ela está aqui — disse em voz baixa para o microfone. — A segurança que venha cá. Agora.

Era uma hipótese remota, mas tinha alguma esperança de que os técnicos de som ainda o estivessem a ouvir, apesar de o som do microfone ter baixado. Os fãs que o procuravam eram na sua maioria amáveis, mas Vincent não queria surpresas durante as apresentações. Principalmente vindas de uma mulher que se tornara conhecida deles por se precipitar para o palco quando os espetáculos terminavam. Não era um comportamento saudável. No entanto, conseguira evitar encontrar-se com ela. Até agora.

Era difícil pensar com clareza. A seguir aos espetáculos, precisava sempre de algum tempo para descontraír, para o cérebro arrefecer. Não conseguia analisar a situação tão bem quanto precisava, mas não tinha outra escolha que não ser simpático enquanto esperava que o segurança aparecesse. Isso e manter uma certa distância.

Apontou para a pequena escada que levava à sala verde, na tentativa de ganhar tempo, e ela avançou à sua frente. Apercebeu-se de que a escada

tinha sete degraus. Nada bom. Vincent desceu o último degrau duas vezes, para terminar num número par. A mulher à sua frente não pareceu reparar.

Vincent e a mulher entraram num espaço mobilado como uma sala de estar. Mas porque é que aquele segurança nunca mais aparecia? Havia quatro garrafas de água por abrir em cima da mesa de centro. Vincent despiu o *blazer* e atirou-o sobre um sofá. Ajustou uma das garrafas para que todos os rótulos ficassem virados para a mesma direção. A mulher manteve o casaco vestido, só o desabotoou no pescoço. Vincent limpou o rosto com toalhetas para remover a maquilhagem que usara no espetáculo e a mulher torceu o nariz, quase impercetivelmente. Ótimo, qualquer coisa que fizesse com que ela não quisesse continuar ali era uma vantagem para ele. E se cheirasse a suor, tanto melhor.

— Olhe, não quero ser desagradável — começou por dizer —, mas na verdade não é suposto ninguém entrar nesta zona.

Abriu uma garrafa de água e bebeu vários tragos.

— Não pode continuar a fazer isto — acrescentou. — O espaço do palco é considerado *off-limits* para qualquer pessoa que não faça parte da equipa de produção e...

A mulher interrompeu-o, apresentando-se.

— O meu nome é Mina — disse-lhe. — Mina Dabiri. Sou agente da Polícia.

De seguida, Mina corrigiu rapidamente a posição de uma das garrafas por abrir, que se movera quando Vincent pegara na primeira, para que todas as etiquetas ficassem alinhadas, antes de lhe estender a mão. Vincent ficou em silêncio e apertou-lhe a mão. De repente, o Mestre Mentalista não fazia a mínima ideia do que devia dizer.

Mina olhou para o homem sentado à sua frente, do outro lado da pequena mesa de madeira escura. Vincent Walder. Tivera de esperar enquanto ele trocava a roupa que vestira em palco, um elegante mas sóbrio fato azul, com uma camisa preta. Agora estava vestido de forma muito mais informal, com uma *T-shirt* branca e calças de ganga pretas. Apesar de ainda estarem em março e o inverno continuar a fazer-se sentir em Gävle, não vestira um casaco.

Para sua surpresa, Mina achou a aparência física de Vincent bastante atraente, o que era raro acontecer-lhe. E a palavra que deu por si mesma a pensar foi «sofisticado». Vincent tinha um aspeto ligeiramente austero, um pouco antiquado mas elegante, até vestido com uma simples *T-shirt* e calças de ganga. Quando o vira de fato e gravata anteriormente, a sensação fora ainda mais acentuada.

Mina teria preferido falar com ele num local onde pudessem usufruir de maior privacidade, mas Vincent insistira que precisava de comer. Preferia não se ter desviado dos seus planos, mas tivera de o deixar decidir; afinal de contas, ela é que o procurara. Portanto, agora via-se obrigada a discutir um assunto policial delicado no restaurante Harrys, um dos poucos em Gävle onde a cozinha ainda estava aberta depois das dez da noite.

Vincent parecia mais exausto depois do seu espetáculo do que ela esperara, mas tinha esperança de que a comida o ajudasse a arrebatar. Precisava que ele estivesse concentrado, no máximo da sua perspicácia. Ela própria se deixara distrair pelos sons dos clientes ao balcão do bar, a alguma distância, que falavam alto com sotaque do Sul, exibindo cartões de identificação brancos pendurados numa fita à volta do pescoço. Vinham provavelmente de alguma conferência num hotel nas proximidades. Mina pensou que pareciam versões adultas de crianças da escola, com correntes porta-chaves a balançar à frente do peito.

O cheiro a cerveja e feromonas esperançosas pairava no ar e Mina sentiu o impulso de colocar uma máscara cirúrgica sobre a boca e o nariz, mas tentou reprimir esses pensamentos e voltou a concentrar-se em Vincent. Não encontrara nenhuma informação sobre ele nos registos da Polícia; portanto, tivera de recorrer a outros meios. Através da Wikipédia e após algumas pesquisas superficiais no Google ficara a saber que o homem à sua frente fazia quarenta e sete anos dali a um mês, que «Walder» era um nome adotado e que a sua profissão era «mentalista».

De acordo com um *website*, um mentalista era alguém que usava psicologia, o poder da influência e truques secretos para criar a ilusão de, por exemplo, ter poderes paranormais ou ser capaz de ler os pensamentos. Também parecia ter muita experiência em ilusionismo, de acordo com as entrevistas que encontrara na internet. Embora estivesse ali principalmente pelos seus conhecimentos sobre como as pessoas funcionavam, um olhar experiente sobre truques de ilusionismo também vinha a calhar, dadas as fotografias que trazia consigo numa pasta. Não encontrara nenhuma informação sobre a sua vida passada ou onde nascera. De acordo com a Wikipédia, Vincent já era um profissional daquela área há quinze anos, mas apenas recentemente chamara a atenção de um público mais alargado, graças à sua participação numa série do canal TV4.

Num dos episódios, Vincent fizera uma experiência psicológica recorrendo a câmaras ocultas. Escolhera um homem aleatoriamente, cuja vida quotidiana começara a desvendar a partir de sugestões impercetíveis e instruções hipnóticas, sem que o pobre participante percebesse o que estava a acontecer. Finalmente, o homem levantara-se uma noite e escrevera «VINCENT WALDER» com *spray*, em letras maiúsculas, numa parede de uma zona industrial. Cem vezes. Tinha demorado várias horas.

Os seguranças do local não tinham sido avisados e, quando prenderam o homem e lhe perguntaram o que estava a fazer, ele respondera que não fazia ideia do que eles estavam a falar. Não fazia ideia do que tinha feito durante as horas anteriores e mostrara-se verdadeiramente surpreendido quando vira as manchas de tinta nas suas mãos e roupa.

Mina não assistira ao programa, mas recordava-se de que toda a gente falara dele. Gerara-se um verdadeiro alvoroço à volta do assunto, muitos questionaram os aspetos éticos da situação, e o próprio Vincent dissera

que se tratava de uma experiência de fanatismo, que quisera evidenciar como até as ideias mais absurdas podem apoderar-se do nosso subconsciente e controlar o nosso comportamento, sem que nos apercebamos disso. A ideia de pintar a parede fora, aparentemente, uma homenagem a algum filme dos Monty Python, e, quando lhe perguntaram sobre a mensagem pintada com *spray*, Vincent dissera que era a coisa menos ofensiva de que se lembrara. Além disso, afirmara ele, um artista assina sempre as suas obras. Essa citação transformara-se num *meme*, posto a circular no Instagram durante vários meses, antes de o assunto cair no esquecimento.

Um cheiro a óleo de fritar e carne grelhada atingiu as narinas de Mina um segundo antes de um empregado colocar um hambúrguer e pequenas tigelas destapadas com *ketchup* e maionese à frente de Vincent. Mina sobressaltou-se; qualquer pessoa podia ter feito algo com aquelas tigelas no caminho desde a cozinha. Incrivelmente anti-higiênico. Instintivamente, retirou o frasco de álcool-gel recém-comprado do bolso do casaco, borrifou uma pequena quantidade na palma da mão e esfregou as mãos uma na outra.

— Preciso de muitos hidratos de carbono depois dos meus espetáculos — disse o mentalista, em tom de desculpa. — Caso contrário, não consigo pensar com clareza.

Tirou uma batata frita do prato, molhou-a na maionese e enfiou-a na boca. Mina observou-o atentamente. Se ele voltasse a mergulhar a batata na tigela depois de a ter levado à boca, provavelmente teria de o excluir da parte da humanidade com quem se queria associar. Felizmente, Vincent só mergulhou a batata uma vez; ainda havia esperança.

— E tenho realmente de pedir desculpa pelo meu comportamento de há bocado — esclareceu Vincent. — Pensei que era outra pessoa. Temos tido alguns problemas com uma admiradora um pouco... enfim, um tanto efusiva. Pensei que fosse ela. Não era minha intenção ser desagradável.

Mina fez um gesto com a mão a descartar aquele assunto. O empregado pousou uma cerveja à frente de Vincent e uma *Coca-Cola Zero* à frente dela. Mina retirou uma palhinha descartável do bolso, rasgou o papel protetor e colocou a palhinha no copo. Vincent ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada. Mina esperou que o empregado se afastasse e só então voltou a falar.

— Fui aconselhada a falar consigo — disse-lhe, em voz baixa. — Pelo que percebi, é um grande conhecedor da psique humana, mas também sabe algumas coisas sobre ilusionismo. E precisamos de alguém versado nas duas coisas.

Vincent assentiu com a cabeça e bebeu um pouco da sua cerveja.

— Fazia muitos truques quando era mais novo — respondeu. — Mas, quando tinha vinte anos, percebi que os truques com cartas talvez não fossem a melhor estratégia de engate do mundo, então parei.

— E ajudou? Parar? — perguntou Mina.

— Isso deixo ao seu critério, mas conheci a minha primeira mulher um mês mais tarde. O meu interesse pelo ilusionismo passou a restringir-se aos tempos livres desde então. Mas a que propósito é que a Polícia quer saber sobre isso?

Antes de Mina ter tempo de responder, Vincent olhou para o relógio.

— Oh, peço desculpa — disse. — Mas, por falar em mulher, tenho de telefonar para casa, falamos sempre a esta hora, só demoro uns minutos.

Mina começou a sentir-se impaciente, queria ir direta ao assunto e já tinha sido obrigada a esperar por ele. Os seus colegas costumavam dizer-lhe que era demasiado agressiva, que tinha de aprender a ser mais sociável, se quisesse que as pessoas a encarassem de forma positiva. Ela própria duvidava seriamente da validade desses argumentos, era agente da Polícia há quase dez anos e não sabia de nenhuma investigação cuja solução tivesse dependido do seu grau de simpatia. Mas, pronto, tudo bem.

— Não há problema — respondeu e mudou discretamente de posição na cadeira dura.

Olhou para a sua *Coca-Cola* e abstraiu-se da voz de Vincent enquanto ele falava com a mulher. Visualizou a caixa que tinham encontrado há menos de uma semana. A caixa que parecia destinada a ser adornada com símbolos cintilantes e fazer parte de um espetáculo de magia em Las Vegas. Visualizou uma assistente, vestida com lantejoulas — uma mulher, claro, eram sempre mulheres a ser postas à prova em números de ilusionismo — a enfiar-se dentro da caixa de um mágico — homem, claro —, enquanto este enfiava espadas compridas pelas aberturas na madeira, e o público acabava sempre por soltar uns «aaaaah» e uns «ooooh». Mina pesquisara aquilo no Google, o truque ilusionista misógino chamava-se «*The Sword Box*»,

ou «*Sword Cabinet*», «*Sword Casket*» ou «*Sword Basket*». Muitos nomes para a mesma coisa. Na versão original, nem sequer havia uma caixa, era apenas um pequeno cesto. Com uma criança lá dentro. Repugnante. Aparentemente, a ilusão ainda era considerada um clássico. Crianças e mulheres, constantemente as vítimas.

Porém, não estava sentada no Harrys em Gävle, numa noite gelada, à espera de que Vincent Walder terminasse uma chamada telefónica, porque os seus colegas tinham encontrado adereços mágicos construídos por um amador. Estava ali por causa do corpo que tinham encontrado *dentro* da dita caixa. Um corpo que ainda não haviam conseguido identificar. E estava ali porque tinham chegado a um beco sem saída. Seguiu todas as pistas segundo os métodos habituais, mas não obtivera qualquer resultado. Por fim, Mina e a sua chefe, Julia, chegaram à conclusão de que a única coisa que lhes restava para se aproximarem de uma solução seriam os métodos incomuns.

Mina bebeu um grande trago do refrigerante e fixou o olhar nos participantes da conferência em festa junto ao bar; qualquer coisa servia para impedir que aquelas imagens voltassem a aparecer-lhe na mente. Não queria de todo recordar-se delas outra vez. Porém, estavam ali, tão claras e nítidas como da primeira vez. Raramente se sentia muito afetada pelas coisas que tinha de ver no trabalho, mas aquilo fora algo muito especial. Em dois lados da caixa, só se viam os cabos de várias espadas; nos lados opostos, as suas pontas. No meio, dentro da caixa e pendurada pelas espadas de uma forma que a fazia parecer uma marioneta perversa, uma jovem mulher. Mina fechou os olhos com força, mas era demasiado tarde, era sempre demasiado tarde.

A investigação não conseguira chegar à identidade da mulher e não tinham nenhum suspeito. A caixa com o corpo fora enviada para a médica-legista Milda Hjort, da Agência Nacional de Medicina Legal, mas Mina não acreditava que fossem conseguir encontrar algo, pelo menos nada de muito relevante. A chave do crime estava na forma e no procedimento, tinha quase a certeza disso.

De repente, Mina apercebeu-se de que Vincent estava a olhar para ela. Aparentemente, terminara a conversa com a mulher. Mina aclarou a garganta e forçou-se a afastar as violentas imagens da cabeça.

ATREVA-SE A DESCOBRIR A VERDADE

Quando uma mulher é encontrada morta numa caixa de madeira, com o corpo perfurado por espadas, a Polícia de Estocolmo fica perplexa: é difícil saber se se tratou de um ritual macabro ou de um truque de magia que acabou em tragédia.

As investigações ficam a cargo de uma equipa especial: um grupo heterogéneo de agentes selecionados — e alérgicos a procedimentos institucionais —, entre os quais se destaca, pela sua competência como investigadora, Mina Dabiri. É a própria Mina que sugere envolver neste caso o famoso mentalista Vincent Walder, profundo conhecedor da linguagem corporal e do mundo do ilusionismo. Juntos, partem na caça ao assassino, mas a personalidade de ambos, marcada por pequenas e grandes obsessões e segredos indescritíveis, dificulta a investigação, também porque o seu próprio passado acaba por estar perturbadoramente ligado ao caso.

Com o aparecimento de mais um corpo, Mina e Vincent percebem que enfrentam um implacável assassino em série e dão início a uma emocionante corrida contra o tempo, para decifram os códigos numéricos e truques de ilusionismo de uma mente brilhante e perversa. Antes que a situação se agrave, a única arma de que dispõem para evitar que o assassino volte a matar é antecipar os seus movimentos: só compreendendo plenamente a sua loucura poderão acabar com ela.

**UMA EMOCIONANTE VIAGEM À PARTE
MAIS OBSCURA DA ALMA HUMANA.
NÃO DEIXARÁ NENHUM LEITOR INDIFERENTE**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

[penguinlivros](#)

[sumadeletrasportugal](#)

ISBN 9789897845277



9 789897 845277 >